

uma leitura agradável e muito informativa, especialmente para o leitor com poucos conhecimentos historiográficos sobre este período. Todavia, não podemos deixar de salientar o pouco desenvolvimento de alguns capítulos e os muitos espaços cronológicos que ficam por preencher. Sendo um período tão rico da nossa História Contemporânea não será certamente por falta de fontes e bibliografia. Pelo contrário, um maior desenvolvimento dos capítulos só teria melhorado o romance. ▽

MAURÍCIO SHIGUEO RIZZI IEIRI



José Eduardo Franco, Teresa Pinheiro, Béata Elżbieta Cieszyńska (coord.). *Europa de Leste e Portugal, Realidades, Relações e Representações.* Lisboa: Esfera do Caos, 2010.

No final da década de 80, aquando da queda do Muro de Berlim, dois blocos ideológicos atingiam um ponto crítico. Dois diferentes pensamentos que separavam países de um mesmo continente, cultural e geograficamente fragmentado, aguardavam apreensivos pelas consequências que se seguiriam às cenas da destruição da barreira que teimava em separar a Europa. A bela simbologia envolvida no evento interessa-nos essencialmente pelo diálogo retomado no âmbito europeu, principalmente entre os dois opostos geográficos do Velho Continente. Para Eduardo Lourenço, somos o resultado de imagens fragmentadas de terceiros: a percepção de identidade própria é definida pelo olhar do “Outro”, figura exaustivamente trabalhada pelos mais diferentes campos do saber. O “Outro” interessa não apenas pela cultura diferente, por costumes e crenças que servem para deleite e espanto, mas também para espelhar uma imagem própria que pode ser demasiado surpreendente. Neste contexto, é evidente a importância dos diversos artigos que preenchem as páginas de *Europa de Leste e Portugal*, obra coordenada pelos Professores Doutores José Eduardo Franco, Teresa Pinheiro e Béata Elżbieta Cieszyńska.

Resultado da soma de esforços das apresentações selecionadas da Conferência Internacional *Peripheral Identities: Iberia and Eastern Europe Between Dictatorial Past and European Present* e da I Conferência Internacional sobre *Culturas Ibéricas e Eslavas em Intercâmbio e Comparação: Entre Crise e Prosperidade*, organizadas pela CompaRes, Associação Internacional de Estudos Ibero-Eslavos, e pelo CLEPUL, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras de Universidade de Lisboa, o livro se dedica principalmente à troca cultural entre dois pólos europeus opostos. “Europa de Leste e Portugal” estrutura-se em três corpos textuais de igual importância, dedicados primeiramente à imagem que Portugal projecta na Europa de Leste, numa posterior inversão de reflexo cultural e finalmente no argumentar acerca da relação entre as “duas Europas” em questão: o conjunto de países ligados à antiga URSS e a Península Ibérica.

Diferentes momentos da História Ibérica são cuidadosamente analisados em fontes do Leste europeu, a partir do qual é desenhado um quadro completo que se pode considerar a imagem vigente na Europa de Leste que perdura acerca de um certo lirismo peninsular. No artigo de Fernando Cristóvão, por exemplo, existe a menção a relatos polacos que cobrem quase dois séculos de perspectivas já fortemente enraizadas acerca dos portugueses e espanhóis. O primeiro relato provém da pena de um cavaleiro polaco que erra por terras portuguesas e espanholas em 1484, oferecendo-nos uma visão repleta de crítica e de superioridade. A partir do seu próprio testemunho, o cavaleiro relata a experiência de uma população ibérica destinada à perdição, cheia de vícios, rancores, luxúria e avariza; um povo sem a mais básica educação ou polidez, cujas mulheres, pouco instruídas e vulgares, representam de forma transparente a corrupção do cristianismo causada pelos mouros. D. João II é o único dignamente representado, apesar dos célebres episódios de brutalidade. O testemunho posterior, datado de 1580 e de cunho militar, expressa de forma mais branda os seus pontos de vista em relação aos países ibéricos. São relatadas ao pormenor a cultura e a crença popular portuguesas, nas quais o sobrenatural é um dado adquirido. O último relato abordado pelo autor vem de um posicionamento diferente. Escrito no final da primeira década de 1600, a própria natureza da viagem faz com que esta seja diferenciada das visitas anteriores, sendo marcada pelo aproveitamento oportu-

no de aprendizagem e de absorção da cultura local. As descrições ricamente detalhadas destacam os mais variados aspectos culturais e sociais dos países ibéricos, com uma visão ingénuo e apaixonada, refletindo perfeitamente as diferentes mentalidades dos três viajantes e dos seus tempos.

Há ainda espaço para que Jörg Seidel M. A., ainda preocupado com a imersão na visão da Europa de Leste sobre Portugal, fale da recepção da Revolução de Abril em território geograficamente próximo, mas culturalmente tão distante quanto a já mencionada Polónia. Seidel apresenta ao leitor a recepção no jornal estatal alemão *Neues Deutschland* da Revolução dos Cravos. Este é um caso atípico, visto que a queda de um governo de Direita, o primeiro desde 1945, era iniciada de forma surpreendente pelo Movimento das Forças Armadas, de fundo burguês, portanto contrário às expectativas da Alemanha Oriental, o que causou uma certa hesitação no posicionamento relativamente ao evento e posterior censura, informando o mínimo possível e com relativos atrasos. Para o autor, este é um exemplo de como a Revolução dos Cravos foi manipulada pelos *media* estatais da Alemanha Oriental e aproximada de maneira conveniente à doutrina Marxista-Leninista.

Do outro lado do espelho, Ernesto Castro Leal escreve sobre a dividida percepção portuguesa concernente aos acontecimentos da Revolução Russa de 1917. Enquanto o governo de Direita dedicava publicações à propaganda anticomunista, alertando o país para o terrorismo e a decadência vermelha, há uma recepção calorosa dos ideais revolucionários por parte de grandes pensadores portugueses. Algumas das grandes mentes de Portugal, seduzidas pelas palavras de Lenine e pelos argumentos de bases marxistas, iniciam jornais e periódicos de Esquerda, favoráveis à organização comunista portuguesa. Ao contrário do que posteriormente ocorreria com a Revolução dos Cravos, Portugal recebe uma visão mais ampla da Revolução Russa, ainda que ambígua e distorcida a favor da envergadura política de seu noticiador. Mas, conclui Leal, “a geografia da revolução comunista no Ocidente não começaria com certeza em Portugal, apesar dos apelos românticos para a revolução imediata, num momento considerado decisivo e único. Do sonho à realidade ia uma imensa distância” (p.127).

Europa de Leste e Portugal apresenta duas diferentes visões do “Outro”, construindo imagens dos respectivos opostos da geografia europeia em uma troca interessante e rica de costumes e culturas. No bloco final de textos, o leitor identifica os pontos em comum das “duas europas” estudadas nos artigos anteriores. Pontos independentes são exemplificados para mostrar a fértil troca cultural, como palavras de origem portuguesa na língua polaca ou a aproximação ideológica e artística entre figuras russas e portuguesas, como aponta António Braz Teixeira ao iluminar paralelos entre a religiosidade, cultura e pensamento dos dois países. Teixeira argumenta sobre as semelhanças entre Sampaio Bruno e Vladimir Soloviev, pensadores de uma mesma geração, de inestimável importância para seus respectivos países, que partilham “comum atitude de exigente e bem informada crítica do positivismo e das correntes materialistas, naturalistas e cientificistas de seu tempo” (p. 227). Paulo Mendes Pinto lembra-nos da importante figura mediadora entre Portugal e Polónia que foi João Paulo II, Papa que visitou Portugal três vezes, contribuindo para que a Europa de Leste se aproximasse do país ibérico.

A procura da identidade cultural pela visão do “Outro”, que para muitos pensadores é a melhor definição daquilo que somos, se mostra relativa, dependente da cultura e do tempo em que se apóia. *Europa de Leste e Portugal*, ao construir duas diferentes visões de um mesmo continente, curiosamente termina por apresentar ao leitor a História europeia propriamente dita, de um continente que convive com suas diferenças e, de forma fascinante, abre-se para um plano em que se observa a História do continente como um todo. *Europa de Leste e Portugal* cria muito mais do que uma porta de comunicação que permite pensar e relacionar culturas tão opostas, possibilita (re)pensar o diálogo entre as mais diferentes realidades europeias e admirar o multiculturalismo do Velho Continente. Bastam as palavras de Annabela Rita para concluir: “Tentamos autodefinir-nos. E procuramos resposta na História, nos movimentos das idéias, na língua, na literatura, etc. Busca que continua, tão irresolúvel como qualquer outra de tipo *essencialista*, e inconclusiva até pela permanente mutação do sujeito e do objecto” (p. 17). ▽